

CRIAÇÃO VERBAL E VALORES

Cecília Canalle Fornazieri

Inteligência humana e criadora: o movimento do desejo

Em seu livro, *Teoria da Inteligência Criadora*, o pensador espanhol José Antônio Marina, define – ao longo de mais de 400 páginas – o que é inteligência: a capacidade de receber informação, tratá-la e produzir respostas eficazes de modo humano e criador.

Humano porque potencialmente livre e capaz de elaborar perguntas. Criador porque inventa possibilidades, caminha entre o que se é e o que se deseja ser e é um ímpeto, um pro-jeto “distante da zona de conhecimento previsível” (1995, p.169).

Estes esclarecimentos conferem a tais adjetivos um caráter pleonástico porque humano entendido como livre e criação como ímpeto se confundem. O primeiro determinante é concebido como ação não restrita pelas necessidades vitais e o segundo como original, inesperada, não habitual, não rotineira.

Daí que falar em inteligência humana seja uma redundância, uma vez que não caberia a expressão inteligência animal. Para havê-la, seria necessário que a ação animal não fosse cativa, isto é, que seu comportamento não fosse determinado por “programas estabelecidos por uma rotina biológica” (1995, p.17). A adaptação ao meio faz com que o animal se ajuste a ele. O homem, obviamente, se adapta; mas alterando - também - o meio para sua sobrevivência e conforto. Não é apenas a necessidade que determina sua relação com a realidade.

O ímpeto com o qual o homem se lança na realidade transfigura o “labor” categorizado por Hannah Arendt como um dos modos pelo qual o homem se relaciona com a realidade, neste caso, visando à sobrevivência (*A Condição Humana*, 2003, p.91). Aliás, o labor entendido como o conjunto de atividades necessárias à sobrevivência biológica sempre foi desprezado, justamente, por seu caráter – pelo menos aparentemente de escravidão, o homem sente-se limitado ao empregar seu tempo com exigências básicas. “Laborar significava ser escravizado” pela necessidade inerente da vida humana (2003, p.94), livre era quem pudesse delegar tais tarefas a outro e assim pudesse agir, tomar a iniciativa, iniciar e, em alguns casos, governar, isto é, elaborar, propor projetos (2003, p.190).

Ora, o que é um projeto se não uma pergunta com uma hipótese de resposta? A indagação é um movimento humano em direção à realidade, o estabelecimento de um vínculo, um desejo de vida, de relação. Por isso a ausência de perguntas sugere um eu diluído, distante.

O viver humano, segundo o pensador espanhol contemporâneo, Pedro Laín Entralgo é caracterizado pelo projetar e perguntar “quien proyecta, pregunta, y quien pregunta, proyecta. La pregunta es la expresión racional del proyecto; el proyecto es el fundamento vital o existencial de la pregunta. A pregunta expresa o desejo (1984, p.509). Em sua explicação etimológica, Entralgo (1984, p.509) esclarece que perguntar significa “sondear el fondo de um rio o de um estanque com uma pértiga”, y por extensión metafórica, “sondear el interior de um hombre.” Interessantemente, Marina retomando a concepção medieval da realidade como ser eloqüente de sentido, afirma que ao interrogar com sabedoria, astúcia, o homem obriga a realidade a abandonar o seu silêncio. (1995, p.139)

Ao lançar-se na realidade, a inteligência humana e criadora recupera a atividade laboralstituindo-a de seu caráter mecânico, restrito exigindo seu significado.

Solar

Minha mãe cozinha exatamente:

Arroz, feijão-roxinho, molho de batatinhas

Mas cantava.

(Poesia Reunida, p.151)

Iguais e únicos: a biografia da memória

“Cada homem é diferente,
cada momento é diferente
e somos todos iguais.”
Carlos Drummond de Andrade

Frankl afirma que a existência humana representa uma forma especial de ser: “*ser-pessoa (menschliches Dasein, Existenz) significa um absoluto ser-diferentemente (Anders-sein). Com efeito, o essencial e valioso “caráter de algo único” de cada homem não significa senão que ele é precisamente diferente de todos os outros homens*”. (1989, p. 117). Assim, cada homem é único e irrepitível, tem um modo próprio de existir, um ‘ser-assim’ que lhe permite responder a circunstâncias irrepitíveis, afirmando valores que só ele seria capaz de fazê-lo naquele momento, daquela maneira. O homem é, então, insubstituível e responsável por enfrentar determinadas situações que não voltarão a se apresentar. Neste sentido, está só diante do universo, afirmando possibilidades que apenas a ele caberia: se não as realiza, ninguém poderá fazê-lo em seu lugar.

Temos, talvez aqui, a origem da personalidade. O tempo, o espaço, a história, a cada fração de segundo, se desenham como um conjunto único. Por isso a originalidade não reside apenas no inesperado, no distanciamento da tal “zona de conhecimento previsível”, mas nesse conjunto peculiar e biográfico que, por tais características, possibilitam a originalidade. A obra criadora estaria, portanto, ligada à origem de cada autor entendida como narrativa única antes do que no estapafúrdio e inusitado.

Hannah Arendt reforça o caráter único do homem ao apresentar a distinção entre a igualdade e a peculiaridade de cada um. A pensadora esclarece que “os homens seriam incapazes de compreender-se entre si e aos seus ancestrais, ou de fazer planos para o futuro e prever as necessidades das gerações vindouras se não fossem diferentes, se cada ser humano não diferisse de todos os que existiram, existem ou virão a existir, os homens não precisariam do discurso ou da ação para se fazerem entender. (2003, p.188). Tal igualdade sugere um caráter universal para o homem possibilitando a hipótese de que haja valores igualmente universais ¹

O filósofo canadense, Charles Taylor, por exemplo, afirma que o homem possui configurações que proporcionam “o fundamento, explícito ou implícito, de nossos juízos, intuições ou reações morais (1997, p. 42). Mas a pessoa desprovida por inteiro de configurações estaria fora de nosso espaço de interlocução, não teria uma posição no espaço em que todos estamos. Julgaríamos isso patológico.(idem, p.49).

Este é um aspecto fundamental do processo criador uma vez que “identidade e a moralidade apresentam-se como temas inextricavelmente entrelaçados (ibidem, p.15). Por isso elaborar narrativas é desenhar, ensaiar, elaborar, refazer a organização do espaço moral, isto é, a exposição de seus julgamentos e valores.

A clareza sobre sua pessoal seleção de valores e de sua respectiva escala é o mapa subliminar das narrativas. Um desenho turvo, incompleto demais, instável demais deixa o autor à deriva, à disposição da mídia detentora de um eficiente conjunto de valores falaciosamente promissor.

Portanto sem clareza sobre seus próprios valores, o autor encontra-se fragilizado e, sem argumentos, delega, transfere a outro seu próprio discurso. Seu trabalho passa a ser o de absorver o discurso corrente procurando usar as “palavras-talimãs” como define o filósofo Alfonso López Quintás², que são chaves de entrada e permanência dentro de cada grupo e época. Dessa forma originalidade como expressão do que advém da experiência do sujeito se reduz gerando um discurso de ninguém. Esse é o início de uma espécie de esquizofrenia educacional em que a

¹ Baste-nos recordar o que Scheler denominou “valores de situação” (contrapostos aos valores “eternos”, que valem sempre e para todos’ in BRANDÃO, 2000, p.43.

²O filósofo desenvolve esse conceito em: A manipulação do homem através da linguagem : <http://www.hottopos.com>

tarifa deixa de ser um exercício de formação moral para ser apenas contabilidade de palavras.

Dessa compreensão do processo criativo, decorre que o papel do professor diante da elaboração de um texto seja o de propositor de um caminho, uma ponte entre a história de cada um e sua expressão. Esse processo se daria pela descoberta dos valores contidos em cada experiência e selecionados pelo autor a fim de que seu banco de dados se transforme em uma “biografia da memória” (1995, p.134).

Os movimentos da liberdade: a criação

A felicidade é inseparável do sentido da vida.
Julián Marías, 1989

Como fazer para que a história pessoal se transforme em uma narrativa?

A escrita é um processo de apostas lineares que, paulatinamente, se planificam sob o formato de um mapa. O autor deverá fazer declarações que denotam sempre alguma distorção, a realidade não cabe no texto a não ser na famosa hipótese do mapa coincidir com a cidade.

Então o processo criador exige a síntese, a escolha dentro de um rol quase infinito de possibilidades. Segunda Marina, os especialistas classificaram as atividades de busca em processos algorítmicos e heurísticos. O primeiro ‘explora todas as possibilidades e têm uma eficácia limitada. Imagine o leitor o que seria compor uma melodia ensaiando todas as possíveis combinações de notas. É evidente a impossibilidade de tal procedimento. Por isso, o homem abandona esses caminhos tão seguros e inúteis, e utiliza “buscas heurísticas”, nas quais desenvolve todos os seus truques e estratagemas, deixando-se levar por suposições, por impulsos, e por todos os seus flexíveis conhecimentos acumulados, sentimentais ou não (1995, p.196)’.

Em uma busca heurística, a escolha se dá pela percepção de possibilidades incluindo nela as restrições essenciais em toda ação. As restrições, explica Umberto Eco, são determinantes geradas por cada passo dado (2003, pp. 294-298). A cada escolha surgem novas possibilidades, é certo, mas também outras impossibilidades. Ao explicitar a idade do personagem, sexo, profissão, época em que nasceu..., a narrativa começa a caminhar sozinha, o que equivale a dizer que determina um leque de possibilidades restrito para uma continuidade verossímil.

Marina nos lembra que, sabiamente, para os gregos as Musas descendem da Memória, daí que a escolha se faz dentro de um repertório. Tal armazém de idéias tem como fonte privilegiada outros textos. Aprendê-los como matrizes possibilita que as alternativas de narração venham já transportadas em uma forma privilegiada.

UM EXEMPLO DE PESSOALIDADE VERBAL



Figura 1 - Par de Botas - Vincent Van Gogh - 1886

Vou transcrever um longo texto de um grande escritor a quem interessava o método descritivo, porque, na sua opinião, a verdade era uma descoberta, e a descrição a narração do visto; refiro-me a Martin Heidegger, que nos vai comentar um patético quadro de Van Gogh que representa duas botas velhas. Medita o escritor sobre a utilidade de um utensílio e, de *facto*, descobre-a nas botas. «Mas, como? - pergunta-se. - Não mediante a descrição e explicação do calçado realmente presente; nem através da descrição do processo da confecção dos sapatos; nem graças à observação do uso que se *faça* aqui ou ali de um sapato; mas sim colocando-nos simplesmente perante o quadro de Van Gogh. Este é que falou.» O que se segue é a fala que o quadro falou a Heidegger, sobre a utilidade do utensílio, ou, dito em linguagem poética, o que viu no quadro. «No obscuro vão do desgastado interior da bota está plasmada a fadiga dos passos laboriosos. No rude peso da bota está retida a tenacidade da lenta marcha pelos monótonos e extensos sulcos dos campos por onde corre um vento áspero. No couro está depositada a umidade e a saturação do solo. Sob as solas desliza a solidão da vereda ao cair da tarde. Na bota vibra o apelo silencioso da terra, a sua silenciosa oferta do grão que amadurece e a sua misteriosa inactividade no árido ermo do campo invernosos. Este útil está repassado da inquietude latente pela garantia do pão, da silenciosa alegria pela renovada superação da penúria, da angustiada espera pelo parto e do temor perante a ameaça da morte. Este útil pertence à terra e está resguardado no mundo da camponesa. Esta resguardada pertença confere ao útil a identidade e substantividade.» (Marina, p.144)

Bibliografia

- ARENDETT, Hannah. *A Condição Humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- BRANDÃO, Sílvia R. R. de Campos. *Orientação Vocacional: uma Abordagem Antropológica e Filosófica*, FEUSP, 2000.
- ECCO, Umberto. *Sobre a literatura – ensaios*. Rio de Janeiro: Record, 2003.
- FRANKL, Viktor. *Um Sentido para a Vida*, Aparecida: Santuário, 1989.
- __. *Em Busca de Sentido*, Petrópolis: Vozes, 1993.
- MARÍAS, Julián. *A Felicidade Humana*. São Paulo: Duas Cidades, 1989.
- MARINA, José Antonio. *Teoria da Inteligência Criadora*. Caminho da Ciência: Lisboa. 1995.
- PRADO, Adélia. *Poesia Reunida*, 2ª ed., São Paulo, Ed. Siciliano, 1992.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. *A Crítica da Razão Indolente: contra o desperdício da experiência*. São Paulo: Cortez, 2001.
- TAYLOR, Charles. *As Fontes do Self: a Construção da Identidade Moderna*. Loyola: São Paulo, 1997.
- VAN GOGH - <http://www.artehistoria.com/frames.htm>